

## SOB O SIGNO DE ALMADA NA XI BIENAL DE SÃO PAULO

"Almada e as origens do modernismo português" é o tema: 33 pinturas, desenhos e gravuras almadinos, rodeados por um óleo de Eduardo Viana, outro de Guilherme Santa-Rita e três de Amadeo de Souza-Cardozo. E vários "painéis com documentação fotográfica sobre Almada e as origens do movimento modernista português". A glória, em resumo. De Almada, evidentemente.

A glória ou o necrológio: o artista morreu há tão pouco tempo... Aliás, desde 1958, ele era o primeiro de um "Itinerário para as personagens fúnebres", no folheto (de inspiração surrealista) distribuído por Lisboa ("Requiem pelos corpos penados mais em destaque no cemitério ulissiponense"). Folheto anónimo em que eram caricaturadas figuras grandes e menores, entre as maiores se destacando Almada, que frequentava um dos "jazigos" da capital: "a Brasileira do Chiado" onde se pode assistir ao repasto fúnebre dos esqueletos boticários agarrados ao rabo da pescada do antidantismo. Como esqueleto-mor o pontífice de Almada a quem devemos a consagração da mediocridade na pessoa do Dantas que ele cantou sem ter ido parar à cadeia. Lá está ele ainda à espera que lhe vão dar os parabéns, ficando muito zangado quando isto não acontece, o que levou muita gente medrosa das iras do Almada a dizer que a relação nove dez e a propaganda do Dantas eram uma e a mesma coisa."

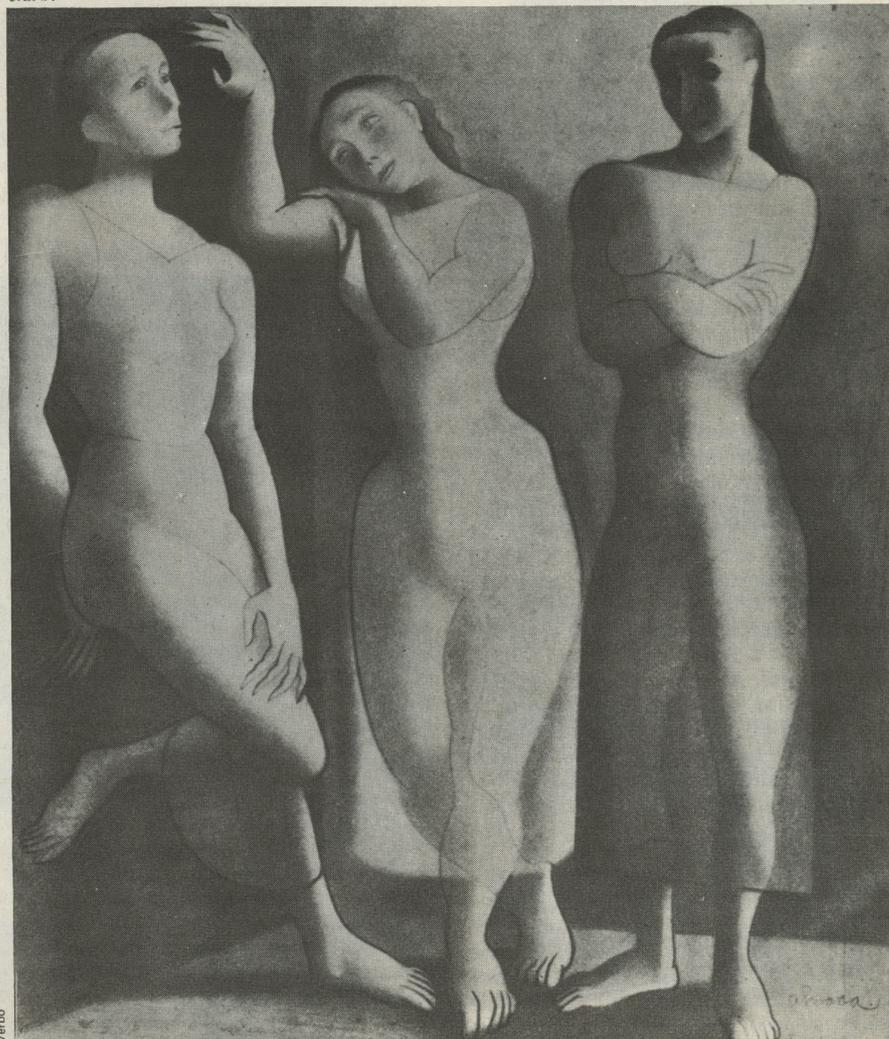
Talvez Freud explique... Dois dos quadros expostos na Bienal estiveram muitos anos no mais lendário café lisboeta, isto é, no "jazigo" da "Brasileira do Chiado": muito limpinhos do fumo de meio século de cigarros e de cachimbos, "Almada e seus amigos" e "As banhistas", ambos de 1925, saíram do "jazigo" para a casa de um coleccionador particular. Tudo o resto é também Almada, incluindo até mesmo as maquetas dos trípticos "Emigração" e "Domingo Lisboa" (foi pena que o responsável pela sala portuguesa da XI Bienal estivesse com tanta pressa de deixar São Paulo que nem viu que as legendas dos dois trípticos ficaram trocadas: a da "Emigração" foi parar em baixo do tríptico "Domingo Lisboa", e vice-versa, é claro. Coisas...).

Trinta e três quadros de Almada bas-

tam para os olhos portugueses e saudosos no Brasil. E ainda tem mais as fotografias, nos painéis, sem falar nas reproduções de capas e outras lembranças almadinas, no meio de uma "Cabeça" e de uma "Cola-gem", de Santa-Rita, e de "Abstraccionismo" de 1913 e da "Pintura com cola-gem" de 1917/18, de Amadeo, e da "Cola-gem" 1917/18, de Eduardo Viana. Enfim, o Almada jovem, o maduro e o

envelhecido, todos bem acondicionados num catálogo que os críticos brasileiros de artes plásticas deveriam receber para saber quem foi o inventor "do dia claro"... Na verdade, logo se deduz da exposição e do catálogo, trata-se de uma exposição didáctica e de arte, ao mesmo tempo. Rigorosamente didáctico, talvez não, pois nos "dados cronológicos" do catálogo se informa que Almada fez editar o

"... Um catálogo que os críticos brasileiros deviam receber para saberem quem foi o inventor do dia claro."





Até pode ser que em São Paulo ande alguém a ter saudades da velha "Brasileira" – do Chiado. Também dão para isso as bienais.

"Manifesto Anti-Dantas e por extenso" em 1915, acrescentando-se mais adiante que o "Manifesto Anti-Dantas" foi "publicado em Abril de 1916 por Almada" (págs. 31).

Coisas... Não tem importância, o essencial foi a intenção: "Felizmente para ti, leitor, que eu não sou crítico, razão por que te não chateio com elucidações da Arte de que estás tão longinquamente desprevenido" (...) Não esperes porém que os quadros venham ter contigo não! Eles têm um prego atrás a prendê-los. Tu é que irás ter com Eles. Isto leva 30 dias, 2 meses, 1 ano, mas, se tem prazo, vale a pena seres persistente porque depois saberás também onde está a Felicidade". O convite foi feito aos 12 de Dezembro de 1916, por Almada, para que Lisboa fosse ver Amadeo de Souza-Cardozo, "a primeira Descoberta de Portugal no século XX". A segunda "descoberta" seria, talvez, o próprio Almada, agora em São Paulo.

Apesar de Almada, "as origens do modernismo português" não estão suficientemente representadas: Eduardo Viana é mais do que um óleo, embora este seja de "bonecos portugueses"; de Santa-Rita nada mais podia exibir-se, é verdade, e quanto a Souza-Cardozo já teve uma sala especial na V Bienal paulista (em 1959). E os outros? Almada foi bastante grande e não precisa de parecer o único para se destacar entre os modernistas portugueses. É o que se deduz dos vários textos do catálogo, todos eles incluindo observações pertinentes mas que vão além da pintura. O que está certo e se enquadra no aparente propósito de exaltar "a geração de Orpheu", que tanto interesse vem despertando no Brasil. Sob este ângulo, a representação portuguesa chegou na hora exacta. Mas, sendo didáctica, como parece (ou não será?), só metade do objectivo foi atingido: desta vez, com um pouco mais de imaginação, poderia ter-se aproveitado

a oportunidade para realizar alguns colóquios, conferências ou cursos, trazendo até mesmo um ou os dois filmes realizados sobre Almada.

Nesta mesma XI Bienal foram montadas diversas salas com alguns dos artistas da "Semana de Arte Moderna" e seria interessante estabelecer paralelos entre os do Brasil e os modernos portugueses. [Aliás, no catálogo informa-se erradamente que António Ferro participou da "Semana" de 1922, quando na realidade

ele chegou depois; com efeito, a "Semana" paulista realizou-se em Fevereiro e António Ferro fez a sua primeira conferência, no Theatro Lirico do Rio de Janeiro, em 30/7/22 (fora recepcionado no Trianon da mesma cidade por Ronald de Carvalho em 21/6/22), falando sobre "A Idade do Jazz-Band"; repetiu a conferência no Teatro Municipal de São Paulo (12/9/22), e no Automóvel Clube desta cidade (10/11/22), assim como em Santos, no Theatro Guarany (10/10/22); em

Está lá também Santa-Rita Pintor, outro da nova Íncita Geração.





Valeu a pena? Só não respondemos como o Poeta. Valeu, realmente, a pena.

São Paulo, foi apresentado por um modernista da "Semana", Guilherme de Almeida, e a conferência veio a ser editada por "Monteiro Lobato & Co. - Editores - São Paulo, em 1923, com as apresentações de Carlos Malheiro Dias, no Rio, e de Guilherme de Almeida, além de um texto de Ronald de Carvalho. E, ao que parece, António Ferro casou em São Paulo com a poetisa Fernanda de Castro (dizem-nos que um dos padrinhos foi Guilherme de Almeida). Ainda há poucos anos, tivemos a oportunidade de ver um retrato de Fernanda de Castro, pintado por Tarsila de Amaral, que supomos ter sido vendido já por uma galeria paulista - e mais interessante seria que ele fosse para Portugal, a fim de documentar as relações, ainda que esporádicas, dos modernistas brasileiros com os portugueses. Mas encerramos aqui o parágrafo, por demais extenso para uma simples rectificação.]

Não se fez, lamentavelmente, nenhum paralelo entre a pintura de Almada e dos que com ele estão na sala portuguesa da XI Bienal e os artistas plásticos brasileiros modernistas, perdendo-se até mesmo a oportunidade de convocar mestre J. A. França, que poucos dias antes da inauguração da mostra internacional paulista veio dar um curso, no Museu de Arte (fundado por Assis Chateaubriand). Nem se aproveitou o interesse que despertam, no Brasil, Fernando Pessoa, Sá-Carneiro e o próprio Almada para a realização de colóquios (com professores, estudantes e

simples curiosos) sobre os três grandes da geração de "Orpheu", embora a sala de Portugal fosse um convite e um aliciamento.

Mesmo assim, valeu a pena, pois os trinta e oito quadros e os painéis da sala portuguesa são uma lição. Sob inúmeros aspectos, revelam um Portugal "moderno", embora em alguns casos com um atraso de cinquenta anos ou mais. Mas faltou situar, por exemplo, um Souza-Cardozo no contexto universal da pintura, desde o seu encontro com Modigliani à "Armory Show", e das exposições na Alemanha ao reencontro em Portugal com Robert e Sonia Delaunay (em 1917). Porém Almada é, só por si, uma explosão reveladora para quem não o conhecia e pôde agora apreciá-lo.

José de Almada Negreiros está inteiro na XI Bienal de São Paulo, com apenas 33 quadros. Tão completo como se auto-retratou no cinquentenário de "Orpheu": "Nunca me apresentei em público senão como pessoa de arte. Mas pretendo que na pessoa de arte não se separa a obra da sua coerência com a atitude humana que a arte representa. Arte é sobretudo atitude universal de pessoa humana. O facto de ter nascido português pesou totalmente na minha pessoa e arte. Tanto assim que acompanhei sempre a minha arte pessoal do estudo que no português fosse em arte o ancestral e o histórico. Tanto assim que, desviado pelas circunstâncias desde a juventude das vias universitárias, cheguei à conclusão básica da arte no português publicando *os quinze painéis de D. João I na Batalha*. Em português arte significa: espírito universal, presença universal, psíquico universal. Como não podia deixar de ser. Como não podia deixar de ser em arte e em nacional. À Grega. À Romana. À Europeia. À Portuguesa. À Universal (...) Sem dúvida: é a característica proeminente do português. Ei-la: universal." (in *1915 Orpheu 1965*).

Almada por ele-mesmo. Poeta e pintor. Demolidor, inovador. Inventor, criador. A ele-mesmo se podem aplicar também os versos da sua "Ode a Fernando Pessoa": "Tu que tiveste o sonho de ser a voz de Portugal/tu foste de verdade a voz de Portugal (...) Tu sonhaste a continuação do sonho português/Somados todos os séculos de Portugal/somados todos os vários sonhos portugueses/tu sonhaste a decifração final/do sonho de Portugal" (...) Também Almada participou do "sonho de ser a voz de Portugal". É por isso, realizando-se, senti e disse: "A arte não vive sem a pátria do artista, aprendi eu isto para sempre no estrangeiro." É o que provam os seus 33 quadros na XI Bienal de São Paulo.



# NA HORA DAS OPÇÕES NÃO HESITE



**A MAIS IMPORTANTE LINHA  
DE VEÍCULOS DE CARGA  
E DE PASSAGEIROS  
DO JAPÃO  
AGORA TAMBÉM NAS  
ESTRADAS DE PORTUGAL**

IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR PARA  
PORTUGAL CONTINENTAL E INSULAR

**A. M. DA ROCHA BRITO, LDA**

PORTO-Tel. 28181/2/3  
FILIAL EM BRAGA-AV. JOÃO XXI, 835  
AGENTE EM COIMBRA-ED. MONTEIRO E IRMÃOS L. DA  
AGENTE EM LISBOA-PALMA DE CARVALHO, INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, SARL

